

A IGREJA de
SANTO INÁCIO
CEM ANOS DE HISTÓRIA

1912 | 2012

CESAR AUGUSTO TOVAR SILVA



MA COMUNIDADE,
UM SONHO,
UM PROJETO,
UMA REALIZAÇÃO.

CEM ANOS...

UMA IGREJA CONSTRÓI UM TEMPLO EDIFICANDO A IGREJA.

IGREJA DE DEUS, POVO DO RIO. IGREJA DE SANTO INÁCIO, NOSSA IGREJA!

DOS PORTAIS DO CASTELO, SINO, IMAGENS, PAIXÃO E GLÓRIA SE CONJUGAM EM NOVO TEMPO.

TEMPO DE FESTA, DE BOTAR FOGO NOS FOGOS, NA NOITE DE SÃO FRANCISCO XAVIER.

E, NESTA NOITE DE GRAÇAS, LADEADOS PELO SAGRADO CORAÇÃO E POR
NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS,

CELEBRAR A IGREJA QUE TEMOS E QUE SOMOS.

E, POR FIM, NO INÍCIO DE UM NOVO CENTENÁRIO, BENDIZER A JESUS,
QUE DO ALTO REDENTOR, SEMPRE ESTEVE EM NOSSA COMPANHIA.

NAS PÁGINAS QUE SEGUEM, FATOS E FOTOS DA IGREJA. ENCANTE-SE, MAS NÃO SE ILUDA.
TODA A VERDADE NÃO DIRÃO. SÃO APENAS SINAIS DO CONVITE DE ANTÃO.

PE. LUIZ ANTÔNIO DE ARAÚJO MONNERAT, SJ

REITOR DO COLÉGIO SANTO INÁCIO

**Sagrado Coração de
Jesus e Nossa Senhora
das Vitórias**

Vitral

Autoria: Cesare e Gastão
Formenti





Os jesuítas e a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro

Oficializada em 27 de setembro de 1540 pela Bula *Regimini Militantis Ecclesiae* do Papa Paulo III, a Companhia de Jesus destacou-se, já nos seus primeiros anos de existência, como agente promotor da expansão da fé cristã pelo mundo.

Na história da colonização portuguesa da região batizada como Rio de Janeiro, verificou-se desde muito cedo a presença dos religiosos jesuítas. Entre dezembro de 1552 e janeiro de 1553, em passagem pela região, um grupo formado pelos padres Manuel da Nóbrega, Francisco Pires e quatro estudantes da Companhia teria pregado aos índios. Segundo uma carta escrita por um dos estudantes: “... foram os padres pelo rio acima a umas aldeias de uns índios, que são amigos dos brancos, onde lhes preguei na sua língua, e juntava os meninos e lhes ensinava a doutrina. Também lhes fazia decorar cantares de Nosso Senhor em sua língua e lhos fazia cantar”.¹ Serafim Leite, célebre historiador da Companhia, apontou esse episódio como “a primeira catequese dos jesuítas no Rio de Janeiro”².

Os portugueses, no entanto, não deram muita atenção à região, o que contribuiu para que, em 1555, um grupo de franceses chefiados por Nicolas Durand de Villegagnon se estabelecesse na Baía de Guanabara e aí fundasse a França Antártica. O núcleo inicial dessa

colônia correspondia à pequena Ilha de Serigipe (hoje Villegagnon) onde construíram uma paliçada e a nomearam Forte Coligny.

Em 1560, o então governador-geral Mem de Sá promoveu um ataque aos franceses. Entre os portugueses que participaram da tomada do Forte Coligny, estavam os padres Nóbrega e José de Anchieta. Para Nóbrega, contudo, não bastava expulsar os invasores. Mais de uma vez o padre escreveu recomendando a fundação de uma cidade na região. Para ele, só assim ficaria garantido o domínio português: “Parece muito necessário povoar-se o Rio de Janeiro e fazer-se nele outra cidade como a da Bahia, porque com ela ficará tudo guardado, assim esta Capitania de São Vicente como a do Espírito Santo que agora estão bem fracas, e os franceses lançados de todo fora e os índios se poderem melhor sujeitar.”³

Consciente dessa necessidade, Nóbrega buscou enfraquecer a Confederação dos Tamoios, índios aliados aos franceses. Para tanto, em companhia de Anchieta, partiu em missão à aldeia de Iperoig, onde conseguiu a desistência de alguns líderes indígenas em apoiar os franceses que haviam retornado à Guanabara.

No final de 1563, o governador enviou seu sobrinho, Estácio de Sá, da Bahia à Guanabara, com determinações de expulsar os franceses e aí fundar uma cidade. Contudo, com recomendações de que nada se fizesse sem primeiro ouvir os conselhos do padre Nóbrega. Em resultado, no dia 1º de março de 1565, foi fundada a cidade de São Sebastião do Rio de



Mapa do século XVI indicando a Cidade Velha aos pés do Pão de Açúcar e a Cidade de São Sebastião no Morro do Castelo, locais onde os jesuítas construíram seus primeiros templos no Rio de Janeiro.

"A Baía do Rio de Janeiro e a Cidade de São Sebastião"
Mapa de Luís Teixeira (1573)
In: Gilberto Ferrez (Org.),
A muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, p. 15.

Janeiro. Concretizava-se, assim, o desejo de Nóbrega.

O núcleo inicial da cidade localizava-se próximo à barra da Baía de Guanabara, na praia entre o Pão de Açúcar e o Morro Cara de Cão. Das primeiras benfeitorias aí realizadas, constavam plantações, um baluarte de taipa e pilão, guaritas de madeira, casas de palha e uma capela. Esta, que foi a primeira igreja dos jesuítas na cidade, teve como responsável o padre Gonçalo de Oliveira. Tratava-se de uma construção simples, feita de pau a pique e coberta de palha. Consta que algumas vezes ela teria sido furada pelas flechas dos tamoios. Era "uma casa-igreja da evocação de São Sebastião"⁴, santo padroeiro da cidade e do jovem rei Dom Sebastião de Portugal.

Nos meses que se seguiram à fundação da cidade, ocorreram vários combates. Somente em janeiro de 1567, após a chegada de reforços vindos da Bahia sob a liderança do próprio governador Mem de Sá, é que foram realizadas as batalhas que determinaram a expulsão definitiva dos franceses.

Apesar da vitória portuguesa, Estácio de Sá foi atingido por uma flecha durante o combate no Morro da Glória. Vindo a morrer um mês depois, no dia 20 de fevereiro de 1567, seu corpo foi sepultado na capela dos jesuítas.

Expulsos os franceses, Mem de Sá não tardou em transferir a cidade para um local mais seguro no interior da baía: o Morro de São Januário, que mais tarde passaria a ser conhecido como do Castelo. Nele os jesuítas fundaram o seu Colégio, sendo seu primeiro reitor o padre Manuel da Nóbrega.

A antiga igreja de Santo Inácio no Morro do Castelo

No morro, localizado no interior da baía, os primeiros moradores da cidade reconstruíram a igreja de São Sebastião, dessa vez em taipa, e a entregaram aos cuidados dos padres jesuítas. Sua posse ocorreu em agosto de 1567 pelo visitador da Companhia padre Inácio de Azevedo. Junto à igreja, os padres iniciaram a construção de uma pequena edificação para sua moradia e que também servisse de escola. Aguardava-se, porém, a aprovação para o Colégio pelas autoridades de Lisboa, o que ocorreu em 11 de janeiro de 1568.

A igreja de São Sebastião construída em taipa era uma igreja provisória. Em 1570, Mem de Sá já havia feito erguer duas outras igrejas: a Sé de São Sebastião, para onde seriam transferidos os restos mortais de Estácio de Sá, e uma segunda, destinada aos jesuítas.

Nóbrega, o primeiro reitor do Colégio do Rio de Janeiro, faleceu em outubro de 1570. Coube a sucessão ao padre Gonçalo de Oliveira, em cuja administração tiveram início as primeiras aulas da instituição, no ano de 1573, com curso elementar de leitura, escrita e algarismos, sob a responsabilidade do irmão Custódio Pires, o primeiro mestre-escola do Rio de Janeiro. Nos anos seguintes, ampliaram-se os estudos à medida que também crescia a cidade. Em 1583, o Colégio de Jesus, como foi originalmente conhecido, já oferecia três

curso: Elementar, Humanidades e Teologia.

Nesse ano, a igreja dada aos jesuítas já se mostrava pequena para comportar seus fiéis. Diante disso, o visitador Cristóvão de Gouveia deu ordens para a edificação de um novo templo, cuja construção teve início em 1585, coordenada pelo padre reitor Inácio Tolosa. A inauguração ocorreu no dia 25 de dezembro de 1588. Era o terceiro templo ocupado pelos jesuítas no morro e o quarto na cidade.

Construída em pedra e cal, a nova igreja media 115 palmos (25,30 m) de comprimento, 50 palmos (11 m) de largura e 45 palmos (9,90 m) de altura. Seu projeto coube provavelmente a Francisco Dias, jesuíta que havia colaborado com o arquiteto maneirista Felipe Terzi nas obras das igrejas de São Roque e São Vicente de Fora, em Lisboa, e que, no Brasil, havia realizado os projetos das igrejas e colégios da Companhia em Salvador e Olinda.

A fachada do templo era sóbria, com linhas retas e frontão⁵ triangular, à maneira das igrejas maneiristas de Portugal. Uma torre sineira unia a fachada da igreja ao Colégio. Para a cidade, ela representava a sentinela de onde se avistavam os navios que entravam ou saíam da baía. Seus sinos anunciavam os principais acontecimentos da cidade. Havia o projeto de se construir uma segunda torre no lado oposto, mas isso nunca chegou a acontecer.

A maneira simplificada das igrejas jesuítas obedecia a critérios estabelecidos pela sede da ordem em Roma que defendiam, sobretudo, a funcionalidade de seus templos. Ou seja, o templo



**Igreja de Santo Inácio
no extinto Morro do
Castelo do Rio de Janeiro**

Arquivo Central do IPHAN/RJ,
Série Inventário, s./a., s./d.

jesuítico deveria ser erguido rapidamente, planejado de forma a abrigar um grande número de fiéis e permitir que toda a assembleia presente tivesse uma boa visualização do altar principal onde eram realizadas as missas.

Há também que se destacar o fato de que, mesmo se tratando de uma igreja integrada ao Colégio, ela não era uma exclusividade da instituição. Era uma igreja aberta para a cidade. Sua fachada austera se impunha no alto do morro e suas paredes caiadas se destacavam na paisagem. Isso não ocorria por acaso. Tal visibilidade contribuía para afirmar a presença da Igreja e a proteção que ela conferia à cidade.

A igreja jesuíta do Morro do Castelo se tornaria conhecida na história do Rio de Janeiro como igreja de Santo Inácio. Contudo, é importante salientar que, somente a partir de 1622, com a canonização do santo, a igreja passou a tê-lo como orago, ou seja, assumiu seu nome. Entre múltiplos significados, a devoção dessa igreja e seu Colégio a Santo Inácio de Loyola afirmava a proteção do fundador da Companhia de Jesus à causa educadora dos jesuítas na cidade.

Assim como a fachada, a estrutura interior da igreja também era simples. Resumia-se a um grande salão retangular no qual se destacava um imponente púlpito, reservado aos sermões, e três retábulos⁶ em madeira esculpidos por volta de 1620: o altar-mor, dedicado a Santo Inácio, e dois laterais, ambos supostamente altares-relicários, em que posteriormente foram colocadas imagens da Imaculada Conceição.⁷ Os retábulos, em estilo maneirista, foram confeccionados com madeira brasileira e podem ter sido esculpidos em Portugal ou no próprio Rio de Janeiro. Nesse caso, acredita-se que sejam obra de Jorge Esteves, irmão jesuíta de origem portuguesa e considerado um excelente carpinteiro.⁸

Ao longo do século XVII, o templo foi recebendo melhorias. Seu forro simples, com as vigas e o madeiramento aparente, foi decorado com pequenas “pinturas ornamentais abstratas”⁹. Foram provavelmente realizadas pelo pintor jesuíta Belchior Paulo, pintor cuja documentação indica a realização de outras pinturas na igreja.¹⁰ Sabe-se também que, no início do século

seguinte, a igreja já possuía cinco altares: o principal e quatro laterais.

Na primeira metade do século XVIII, decidiu-se pela construção de uma nova igreja. Justificava-se um templo maior diante do Colégio, que havia crescido desde sua fundação em 1568, e das diversas obras que os padres jesuítas desenvolviam na cidade.

A igreja que permaneceu em ruínas

Durante o século XVIII, teve início a construção de uma nova igreja de proporções monumentais, cuja concepção arquitetônica revelava um “desejo de modernização” da Companhia na colônia.¹¹

Uma litografia de Heaton e Rensburg constitui um dos poucos registros iconográficos do templo. Nela

se destacam as altas paredes que chegaram a ser levantadas, sustentadas por grandes pilares, alguns decorados com capitéis coríntios. Pela análise do desenho, o historiador Germain Bazin observou vestígios de uma provável capela-mor precedida por um transepto¹², de onde concluiu que a igreja seria possivelmente coroada por uma cúpula entre quatro abóbadas de berço.¹³ Tratava-se de um tipo de construção inédito no Brasil que indicava um desejo de aproximação aos modelos arquitetônicos de Roma da época barroca, de onde se acredita que o projeto tenha sido enviado.

Durante a reitoria do padre Francisco Xavier (1742-1746), teve início a construção da nova igreja. Sua pedra fundamental foi lançada pelo governador Gomes Freire de Andrade, o conde de Bobadela, no primeiro dia de janeiro de 1744, “entre músicas, morteiros e sinais festivos de



Ruínas da igreja jesuíta do Morro do Castelo, Rio de Janeiro

Litografia de Heaton e Rensburg

In: Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, tomo VI, p. 40.

alegria”, numa cerimônia que contou com a presença de autoridades e grande participação popular.¹⁴

Conforme a documentação consultada por Serafim Leite, tratava-se de uma obra de grandes gastos, envolvendo quase cem homens na empreitada. As pedras usadas na construção foram retiradas das pedreiras reais, com aval do próprio governador. De Lisboa vieram obras de cantaria¹⁵ em pedra de lioz, entre as quais as portadas que hoje estão na

entrada da igreja de Santo Inácio na Rua São Clemente.

A respeito dos construtores, sabe-se que, em 1748, o irmão Inácio da Silva se ocupava das obras da igreja. Também o arquiteto português irmão Francisco do Rêgo, responsável pela conclusão do Seminário Novo da Bahia, se ocupou das obras da nova igreja do Rio de Janeiro.

A documentação conhecida não deixa claro qual seria o nome da nova igreja, ou seja, a que devoção ela seria



**Conjunto escultórico
do Calvário**

Madeira dourada
e policromada
Autoria desconhecida
Origem: Portugal, século XVIII

dedicada. Segundo Serafim Leite, era uma nova igreja de Santo Inácio. O historiador Noronha Santos referiu-se a ela como igreja de Santa Cruz.¹⁶ Tal denominação parece supor que o conjunto escultórico do Calvário, que hoje se encontra na portaria do Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro, teria sido encomendado para o altar principal do novo templo.

No ano de 1759, uma política de restrições imposta à Companhia de Jesus pelo marquês de Pombal

sucumbiu com a prisão dos jesuítas em Portugal, sua expulsão dos domínios coloniais e o confisco de seus bens. Dessa forma, as obras da nova igreja ficaram interrompidas e acabaram em ruínas. No século seguinte, as paredes que já haviam sido levantadas foram destinadas ao Imperial Observatório (futuro Observatório Nacional), que aí se instalou.

O QUE RESTOU DAS IGREJAS DO CASTELO

Em meio a polêmicas e opiniões contrárias, o ano de 1922 presenciou o desmonte do Morro do Castelo, berço da cidade. O legado material que os jesuítas aí haviam deixado foi em parte destruído, em parte espalhado pela cidade.

Os três retábulos maneiristas e o púlpito em madeira da antiga igreja de Santo Inácio passaram a ocupar a igreja de Nossa Senhora de Bonsucesso da Santa Casa de Misericórdia. A pedra com a inscrição IHS que servia de frontão à portada da igreja passou a fazer parte do acervo do Museu Histórico Nacional. O sino que hoje dá nome ao pátio central do Colégio Santo Inácio é também atribuído à antiga igreja de Santo Inácio do Morro do Castelo. Ainda, segundo Serafim Leite, um sino seiscentista, que havia sido doado ao padre João Oliva, reitor do Colégio do Rio de Janeiro, estaria na torre da antiga catedral (igreja do Carmo da antiga Sé).

O Colégio Santo Inácio herdou o conjunto escultórico do Calvário, formado pelas imagens do Cristo Crucificado, de Nossa Senhora das Dores e de São João Evangelista. São três monumentais estátuas de madeira dourada e policromada que, acredita-se, foram encomendadas de Portugal em meados do século XVIII para figurarem no altar da nova igreja que não chegou a ser concluída.

Da demolição dessa igreja, pedaços de suas colunas e capitéis ficaram espalhados pela Ilha do Fundão durante anos. Hoje, estão guardados no Museu da Geodiversidade do Departamento de Geologia da UFRJ. Também dessas ruínas, três portadas esculpidas em lioz português foram preservadas e colocadas na entrada da nova igreja de Santo Inácio na Rua São Clemente.

A construção da nova igreja de Santo Inácio

À expulsão dos jesuítas dos domínios portugueses, em 1759, seguiram-se outros episódios semelhantes em reinos europeus e seu mundo colonial. Em 1773, a crise culminou com a supressão da Companhia na maior parte do mundo, permanecendo os jesuítas apenas nos territórios correspondentes a alguns países do leste europeu, como Rússia e Polônia. Em 1814, em meio ao novo cenário político, após as guerras napoleônicas, o papa Pio VII autorizou a restauração da Companhia de Jesus.

Após a restauração, os jesuítas retornaram à América. No Brasil, instalaram-se inicialmente no sul e somente em 1886 se fixaram no Rio de Janeiro. Nesse tempo, os padres ocuparam algumas residências provisórias até que, em 1900, estabeleceram-se na Rua Senador Vergueiro, no Flamengo, onde, no ano seguinte, criaram uma pequena escola com aulas de música e catecismo.

A mudança para a Rua São Clemente, em Botafogo, ocorreu em 1903. Nesse bairro, os padres se estabeleceram numa chácara inicialmente alugada, mas que, em poucos anos, acabou por ser adquirida. Nela fundaram seu Colégio, o Externato Santo Inácio, que teve como primeiro reitor o padre Domingos de Meis (1903-1907).

A casa já existente na chácara de Botafogo precisou passar por algumas reformas, de modo a poder funcionar como instituição de ensino. Uma das

melhores salas, contudo, foi reservada para o funcionamento da capela de Santo Inácio. Conforme a tradição jesuíta, já antes praticada na antiga igreja do Morro do Castelo, a capela não permaneceu restrita ao Colégio, mas aberta à sociedade. Nos jornais da época, eram regularmente anunciadas as missas de domingos e dias santos, bem como as reuniões para rezar o terço. A partir dessa pequena capela, nasceria a nova igreja de Santo Inácio.

Entre os anos de 1903 e 1908, o número de alunos matriculados no externato aumentou de nove para 208.¹⁷ Diante desse crescimento, durante a administração do padre reitor José Natuzzi (1907-1911), decidiu-se pela construção de um prédio e uma igreja maiores. Após a aprovação vinda do Superior Geral da Companhia, em Roma, as obras tiveram início, sendo a pedra fundamental lançada no dia 2 de maio de 1909. No dia seguinte, a cerimônia era comentada pela imprensa carioca:

Efetou-se ontem, às 2 horas da tarde, à rua de S. Clemente n. 226, a cerimônia do lançamento da pedra fundamental da capela e do novo edifício do Externato de Santo Inácio. Realizou a solenidade da benção monsenhor Agostinho Benassi, bispo de Niterói, acolitado por dois cônegos. O lente do Externato, padre Antonio Ferreira, em um eloquente discurso, fez o histórico do utilíssimo instituto, desde a sua fundação, em 1901 na rua Senador Vergueiro, dos desdobramentos por que tem passado até a sua fase atual, salientando

*a importância daquela festa, que era a festa da educação, pois o escopo do Externato de Santo Inácio, criado e mantido pela ordem dos jesuítas, não era outro senão amparar a mocidade, dotando-a de uma educação sólida, que a aparelhe a entrar com seguro êxito no caminho da conquista, do saber e na grande luta da vida.*¹⁸

Nessa primeira fase construtiva, pretendia-se erguer a igreja e a ala leste do Colégio, localizada logo atrás do templo. Porém, a crescente demanda de alunos motivou que se priorizasse a ala escolar, ficando as obras da igreja temporariamente interrompidas. No final de 1909, a ala leste já estava erguida. A igreja, contudo, só teve suas obras retomadas em fevereiro de 1912.

A igreja foi inaugurada ainda em construção. A cerimônia ocorreu no dia 3 de dezembro de 1912, sendo a benção solene e a primeira missa realizadas pelo Cardeal Arcoverde. A ocasião escolhida coincidia com o tríduo da Imaculada Conceição e com o dia de São Francisco Xavier.¹⁹ A seguinte notícia foi veiculada na imprensa: “Está quase concluída a construção da capela dedicada ao Apostolado de Santo Inácio de Loyola, à rua de S. Clemente, da qual foi hoje inaugurada uma parte, a cúpula, que recebeu a benção de S. E. o Sr. cardeal arcebispo.”²⁰

A mesma notícia também informava que as obras haviam sido custeadas “pelos auxílios conseguidos pelas associadas do apostolado”. Tratava-se do Apostolado da Oração,

Visão interna da cúpula da igreja de Santo Inácio com a representação dos Quatro Evangelistas



uma confraria leiga ligada à Companhia e dedicada à devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Outra associação que não pode deixar de ser mencionada é a Congregação Mariana de Nossa Senhora das Vitórias, fundada no dia 26 de abril de 1911 para reunir alunos e ex-alunos do Externato Santo Inácio numa confraria devotada à Virgem Maria. Tanto o Apostolado da Oração quanto a Congregação Mariana foram associações sempre atuantes na história da igreja de Santo Inácio, seja na construção e manutenção do templo ou nas obras sociais por ela promovidas.

Além do altar-mor, dedicado a Santo Inácio, os primeiros altares erguidos na igreja representam as devoções principais do Apostolado da Oração e da Congregação Mariana. São os altares laterais, localizados nas extremidades do transepto. O do lado do Evangelho (lado esquerdo) foi dedicado ao Sagrado Coração de Jesus; o do lado da Epístola (lado direito), a Nossa Senhora das Vitórias.

Embora esses três altares principais já estivessem levantados por ocasião da inauguração da igreja, eles ainda não estavam concluídos e não se apresentavam da forma como os conhecemos hoje em dia. A cerimônia de consagração dos altares de Nossa Senhora das Vitórias e do Sagrado Coração de Jesus ocorreu no dia 10 de agosto de 1915.²¹ Quanto ao altar de Santo Inácio, o mais elaborado de todos, este ainda levaria alguns anos para chegar à sua versão definitiva.

As obras de construção da igreja se prolongaram por vários anos, o que não impediu o seu funcionamento. À frente das obras, estavam o engenheiro espanhol

Francisco Vidal Gomez, também responsável pelo projeto do Colégio Anchieta de Nova Friburgo, e os irmãos jesuítas Antônio Sartori, como mestre de obras, e Francisco Picarro, como ferreiro.²² Em 1924, uma segunda fase construtiva teve início, quando se optou pelo aumento do templo em direção à rua. Nesse ano, o padre Camilo Armelini juntou-se ao grupo dos responsáveis pelas obras da igreja, na qualidade de engenheiro-arquiteto.²³ Para a decoração da igreja, foram contratados os serviços do escultor Heitor Usai e dos mestres em vitrais e mosaicos Cesare e Gastão Formenti.

Durante os anos da ampliação da nave, destacou-se a ação da sociedade carioca no empenho de angariar fundos para a conclusão das obras da igreja. Entre 1926 e 1930, foram realizadas 982 listas de donativos sob a responsabilidade de uma equipe formada por quatro senhoras e intitulada de “Comissão do Dia de Nossa Senhora das Vitórias”.²⁴ Entre essas listas, chama atenção o grande número de militares que delas tomaram parte, o que indica a importância que a devoção a Nossa Senhora das Vitórias teve entre essa parcela da sociedade.²⁵

Entre as doações registradas nas listas, algumas foram especificamente destinadas ao término do altar dedicado a Santo Inácio. Em 19 de março 1931, celebrou-se, enfim, a conclusão do principal altar da igreja em sua versão definitiva. As obras do templo, porém, ainda durariam por mais dois anos. Em 15 de julho de 1933, com missa realizada por D. Aloísio Mazela, celebrou-se a conclusão das obras.²⁶

A arquitetura

Em 4 de dezembro de 1912, dia seguinte à inauguração da igreja, o jornal “A Noite” publicou algumas linhas sobre a solenidade. A notícia descrevia com detalhes o novo templo:

Podemos hoje publicar mais algumas informações sobre a nova capela de Santo Inácio de Loyola, construída à rua de S. Clemente e à qual ontem nos referimos quando noticiamos a solene inauguração da capela.

Penetrando na parte construída da capela, isto é, na cúpula, encontra-se em frente o altar-mor, ornamentado com uma imagem de tamanho natural de Santo Inácio de Loyola, tal qual a que está sobre o sepulcro do mesmo Santo.

Os efeitos que predominam são de estilo romano; as colunas são todas preparadas por uma espécie de massa que dá a ideia de mármore multicolor.

Nos lados, na parte superior do altar veem-se lindas lunetas guarnecidas por vitrais especiais e coloridos.

Dos lados, veem-se os altares de Nossa Senhora da Vitória [sic] que fica do lado direito de quem entra, do outro, fica a imagem do Sagrado Coração de Jesus todo de madeira e feito de um tronco só.

Em seguimento ao edifício do Colégio, acha-se a sacristia dando comunicação para os altares-mores e Nossa Senhora da Vitória [sic]. Do outro lado, isto é, do lado esquerdo,

a sala de visitas, dando comunicação também para os altares-mores e o Sagrado Coração de Jesus.

São salas amplas, bem arejadas, vendo-se que tudo está de acordo com o estilo: sólido, linhas retas e uma pintura severa.²⁷



A igreja de Santo Inácio na época de sua inauguração

Foto publicada no jornal “A Noite” de 4 de dezembro de 1912

Biblioteca Nacional do Brasil

Junto à descrição, o jornal divulgava uma foto da nova igreja. Tratava-se de um templo cuja planta remetia a uma cruz grega, ou seja, com os quatro braços de iguais dimensões. Sobre a interseção dos braços da cruz, símbolo maior do cristianismo, destacava-se uma grande cúpula que, além de valorizar a altura do templo, remetia à ideia da abóbada celeste. Em contraste, a fachada do templo era extremamente simples. Além disso, as paredes laterais haviam sido interrompidas para a construção da parede frontal, o que nos permite concluir que se tratava de uma solução provisória, pois havia certa urgência para a inauguração. Conforme registrado no requerimento de solicitação à Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro para o início da construção em 1909, as obras do Colégio e da igreja deveriam ser concluídas no prazo de dois anos e tal prazo já havia sido ultrapassado.²⁸

A configuração da planta foi mudada a partir de 1924, quando tiveram início as obras de ampliação da igreja em direção à rua, e que resultaram em seu corpo alongado e dividido em três naves.²⁹ A partir dessa reforma, a igreja de Santo Inácio passou a ter sua planta definida em forma de cruz latina, à maneira das antigas basílicas românicas e renascentistas. Construções como essas se configuram pela existência da capela-mor no topo da cruz, capelas laterais como as extremidades dos braços do transepto e a base correspondendo à portada frontal. Embora não seguisse fielmente o projeto da grande igreja do Morro do Castelo interrompido no século XVIII,

através das obras de ampliação, a igreja dos jesuítas em Botafogo concretizava em parte o projeto não concluído do templo que permaneceu em ruínas, já que ambas as plantas foram concebidas para ser encimadas por uma cúpula e objetivavam a monumentalidade.

A igreja de Santo Inácio é uma expressão da arquitetura eclética que caracterizou as grandes construções do Rio de Janeiro no início do século XX. Segundo a pesquisadora Therezinha Bastos, esta igreja teve sua concepção inspirada nos exemplos da arquitetura do Renascimento e do Maneirismo e alguns de seus elementos decorativos influenciados pelo gosto barroco.³⁰ De fato, a inspiração nos estilos e elementos arquitetônicos do passado, bem como sua conjugação em um único monumento eram características próprias da concepção eclética. Contudo, o modelo que mais se destacou na concepção da igreja foi a proposta maneirista. Ora, o Maneirismo havia sido o modelo adotado e difundido pelos jesuítas nos séculos XVI e XVII, época de sua afirmação e expansão. Portanto, a adoção dessa matriz, mais que um reflexo próprio do Ecletismo em voga na época, significava a concretização da identidade dos jesuítas manifestada na construção do seu templo.

Segundo Bastos, a concepção arquitetônica da igreja de Santo Inácio remete aos padrões da basílica de Santa Maria do Espírito Santo (*Santa Maria del Santo Spirito*), em Florença, e à igreja de Jesus (*Il Gesù*), “igreja mãe” dos jesuítas, em Roma.³¹ Ambas



serviram de referência à planta em forma de cruz latina encimada por uma cúpula. Da primeira, projetada por Filippo Brunelleschi (1377-1446), destaca-se o amplo espaço interno, sua divisão em três naves³² separadas por colunas e arcos de plena volta, e a sequência de cúpulas ao longo das naves laterais.³³ Da igreja de Jesus, concebida por Giacomo Vignola (1507-1573), nossa igreja reproduziu a redução dos braços do transepto, aproximando-os mais do corpo da nave.

Bastos também identifica a inspiração da fachada da igreja de Santo Inácio à fachada da basílica de São Jorge Maior (*San Giorgio Maggiore*), projetada por Andrea Palladio (1508-1580) em Veneza, na

qual um frontão triangular apoiado sobre dois pares de colunas, à maneira de um templo clássico, foi conjugado à fachada de um prédio dividido em três naves.³⁴ De fato, a imponente fachada do templo carioca evidencia suas três naves, destacando a central através dos dois pares de colunas coríntias que lhe servem de moldura. As colunas, que simbolicamente representam a solidez da fé³⁵, servem também de sustentação ao frontão triangular em cujo centro dois anjos sustentam um escudo com as letras IHS, adotadas como símbolo da Companhia, pois representam a forma abreviada do nome de Jesus. O sentido vertical das colunas tende ainda a direcionar o olhar ao alto, neste caso, à inscrição no friso do entablamento³⁶

Interior da igreja no final da década de 1920
Acervo Colégio Santo Inácio



A igreja de Santo Inácio
após a reforma da fachada
realizada em 1958

Acervo Colégio Santo Inácio

entre as colunas e o frontão onde estão registradas as devoções em cuja honra o templo foi erguido: DEO-IN HON-S-IGNATH-ET B-M-V-A VICT, ou seja, “A Deus em honra de Santo Inácio e da Beata Virgem Maria das Vitórias”.

Os três portais da fachada da igreja pertenceram à antiga igreja cuja construção os jesuítas haviam iniciado no Morro do Castelo. Foram esculpidos em lioz português e trazidos de Lisboa para o Rio de Janeiro no século XVIII. São obras barrocas, conforme se percebe nas suas curvas. A diferença estilística desses portais com as molduras das janelas, em linhas mais simples, contribui para seu merecido destaque, afinal, conforme escreveu o padre Serafim Leite, eles unem de “forma sugestiva a atividade da Companhia nos tempos coloniais à dos tempos modernos.”³⁷

Programa Iconográfico

Uma igreja é um espaço simbólico do sagrado. A compreensão dos significados registrados através da organização arquitetônica e do programa decorativo do templo, sobretudo através da pintura e da escultura, é possível através da análise e interpretação de seu conjunto de imagens, ou seja, de sua iconografia.

A igreja de Santo Inácio possui onze altares e dois oratórios, nos quais estão colocadas as imagens de devoção do templo. Por meio de um

contrato assinado em 1930, sabe-se que o altar-mor dedicado a Santo Inácio é obra de Heitor Usai, escultor italiano que se radicou no Rio de Janeiro, responsável por vários monumentos no Brasil, entre os quais o dedicado ao padre Anchieta na Praça da Sé, em São Paulo. Uma placa fixada no lado direito do altar do Bom Jesus Crucificado indica ser esta obra do mesmo escultor italiano. Como os demais altares das naves laterais seguem o seu estilo, deduz-se que também devem ter sido feitos por Usai e sua oficina. No entanto, como o escultor só chegou ao Brasil em 1927, a ele não pode ser atribuída a autoria dos altares do transepto, os primeiros concluídos na igreja.

No programa decorativo da igreja, destacam-se também seus diversos vitrais que, em geral, foram dispostos sobre os altares, em correspondência à iconografia de suas devoções. Apenas o dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, localizado na porta de entrada, está identificado pela assinatura da empresa que, presume-se, realizou boa parte dos demais: “Formenti e C. Rio”. Trata-se do italiano Cesare Formenti e seu filho Gastão, natural do estado de São Paulo, que possuíam uma oficina de vitrais e mosaicos na cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Conforme consta num catálogo antigo da Casa Conrado, alguns dos mais antigos vitrais da igreja de Santo Inácio do Rio de Janeiro foram também realizados por esta empresa estabelecida em São Paulo.

ALTAR DE
SANTO INÁCIO
Altar da capela-mor



É o principal altar da igreja, colocado diante da nave, para onde convergem os olhares da congregação. Para sua construção, realizada a partir de fevereiro de 1930, o escultor Heitor Usai fez uso de materiais nobres como mármore, ônix, bronze e cobre. Inaugurado em 19 de março de 1931, o altar está construído sobre a cripta que abriga os restos mortais dos padres do Colégio.

De grande efeito visual, este altar teve como modelo o grande altar erguido na igreja de Jesus, em Roma, para abrigar o túmulo de Santo Inácio. Na igreja carioca, o retábulo é formado por colunas clássicas que sustentam um imponente frontão interrompido no qual se apoiam dois anjos sustentando um escudo com o lema da Companhia, *Ad maiorem Dei gloriam* (Para a maior glória de Deus), destacado por um grande resplendor dourado. No centro do retábulo, destaca-se a imagem de Santo Inácio entronizada num grande nicho arrematado por um arco de volta plena. A imagem também tem como modelo a estátua barroca que se encontra junto ao túmulo do santo em Roma.³⁸ É uma escultura marcada por intensa dramaticidade conforme seu modelo da igreja romana, na qual o santo, em êxtase, tem seu olhar direcionado para a representação da Santíssima Trindade. Na igreja do Rio de Janeiro, optou-se por substituir a Santíssima Trindade pelo lema da Companhia sustentado pelo par de anjos colocados sobre o frontão.

A iconografia de Santo Inácio é complementada pela imagem do santo colocada no alto da fachada (lado esquerdo) e pelo vitral localizado junto ao espaço do coro sobre a entrada principal, onde está representada a Batalha de Pamplona ocorrida em 20 de maio de 1521. Esse episódio foi o divisor de águas na vida do santo que, ferido em combate, se dedicou ao conjunto de leituras e reflexões que o conduziram à sua conversão.³⁹



ALTAR DE
NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS
Altar do lado direito do transepto



Originário da França do século XVII, a partir da vitória do exército católico do rei Luís XIII na conquista de La Rochelle, o culto a Nossa Senhora das Vitórias conquistou grande prestígio nas primeiras décadas do século passado. Além dos congregados marianos, era uma devoção especial dos oficiais das Forças Armadas, sobretudo os do Exército e da Marinha que, desde 1919, realizaram regularmente diante desse altar as cerimônias de benção das espadas.⁴⁰ O prestígio dessa devoção coincidia com o período histórico em que as Forças Armadas se afirmavam na sociedade e na política do país, e em que o contexto internacional refletia os efeitos da Primeira Guerra Mundial. Diante dessa importância, não é de se admirar o fato de que originalmente a igreja fosse conhecida como igreja de Santo Inácio e Nossa Senhora das Vitórias.

O altar é constituído por um grande retábulo de linhas clássicas, em cujo entablamento está gravada a inscrição *Cordi Immaculato B. M. V.* (*Cordi Immaculato Beatae Mariae Virgini*), ou seja, “Imaculado Coração de Maria”. A imagem de Nossa Senhora das Vitórias da igreja de Santo Inácio é uma réplica da que se encontra na basílica de *Notre-Dame-des-Victoires*, em Paris. Nesta iconografia, a Virgem está representada em pé com seu filho ao lado. Este tem os braços esticados à frente como que convidando o fiel a se aproximar. Sob seus pés, o globo estrelado em representação do céu e da terra. A escultura está entronizada no altar entre duas colunas menores e um arco pleno, sobre o qual dois anjos seguram a coroa diante do monograma de Maria em meio a um resplendor dourado.

ALTAR DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Altar do lado esquerdo do transepto

Também construído no estilo clássico, este altar tem no entablamento a inscrição *Sacratissimo Cordi Jesu*, ou seja, “Sagrado Coração de Jesus”. Da mesma maneira que o altar de Nossa Senhora das Vitórias, a imagem de Cristo está entronizada num nicho formado por dois pares de colunas unidos por um arco de volta plena. Acima desse conjunto, dois anjos mostram respectivamente a hóstia sagrada e uma bandeira com a inscrição em latim *Adveniat regnum tuum*, que significa “Venha o teu reino”. Ao fundo, em meio a uma nuvem em resplendor, aparecem as iniciais IHS, antigo símbolo adotado pela Companhia de Jesus e que significa a forma abreviada do nome de Jesus (*Ihesus*).⁴¹

O culto ao Sagrado Coração de Jesus teve origem nas devoções populares da Idade Média, contudo sua difusão remonta ao século XVII, a partir das visões que Santa Margarida Maria Alacoque teve de Jesus lhe mostrando seu coração ensanguentado.⁴² Símbolo do amor de Cristo à humanidade foi sempre uma devoção muito cara e difundida pelos jesuítas, sobretudo a partir do século XIX através do Apostolado da Oração.⁴³

A imagem do Sagrado Coração de Jesus da igreja de Santo Inácio está representada conforme a visão de Santa Margarida Maria, segundo a qual Jesus aparece com o coração flamejante e rodeado pela coroa de espinhos.⁴⁴ Sobre o coração, o símbolo da cruz representa o sacrifício remissor de Cristo.⁴⁵

A partir da matéria divulgada pelo jornal “A Noite”, em 4 de dezembro de 1912, sabe-se que essa imagem não é a mesma presente no altar por ocasião da inauguração do templo. Acredita-se que a antiga imagem, hoje colocada numa capela no interior do Colégio, tenha sido substituída pela atual por ocasião da reforma que os altares do transepto sofreram no ano de 1935.



ALTAR DO BOM JESUS CRUCIFICADO

Primeiro altar lateral do lado esquerdo



Datam dos últimos anos do século X as primeiras representações do Cristo crucificado em suplício. Antes disso, quando representado com a cruz, Cristo aparecia vivo, coroado e triunfante.⁴⁶ A imagem do Crucificado da igreja de Santo Inácio segue o modelo que representa Cristo logo após a sua morte, com os olhos fechados e a cabeça pendente sobre o peito. É uma iconografia que inspira a compaixão e visa à interiorização do fiel voltada para a reflexão sobre o significado do sacrifício de Jesus na cruz.⁴⁷ Na base do altar, há outra imagem do Cristo morto própria para as celebrações da Quaresma. No vitral colocado acima, está representado Cristo em oração no monte das Oliveiras, antes de ser preso e levado ao sacrifício.

Até o final da década de 1960, a escultura que ocupou este altar foi a do Crucificado vinda do Morro do Castelo e que hoje está no saguão da portaria do Colégio. Era ladeada por imagens de Nossa Senhora das Dores e São João Evangelista, formando a tradicional cena do Calvário. Essas, contudo, não eram as originais. Eram menores e resultavam num conjunto desproporcional. Com a inauguração da nova ala do Colégio, a escultura do Cristo foi substituída pela atual, mais apropriada ao estilo dos altares da igreja.

ALTAR DO
BEATO JOSÉ DE ANCHIETA
Segundo altar lateral do lado esquerdo

Natural das ilhas Canárias, José de Anchieta (1534-1597) é conhecido como o Apóstolo do Brasil. Chegou a Salvador em 1553, dois anos após ter ingressado na Companhia, e se destacou na ação catequética dos indígenas. Participou também da fundação e construção de alguns dos principais colégios jesuítas da América portuguesa, entre os quais os de São Paulo e Rio de Janeiro. Foi beatificado em 22 de junho de 1980, pelo papa João Paulo II.

Conforme informação registrada no Anuário de 1953, este altar estava destinado ao padre Anchieta, porém se encontrava vazio. Antes disso, esteve ocupado pela imagem de Santa Terezinha, conforme se pode verificar em fotos antigas. A imagem que nele hoje se encontra só foi realizada na década de 1980, após a beatificação. Seu estilo, porém, não condiz com as demais imagens da igreja. Trata-se de uma grande escultura em alto relevo, que representa o beato Anchieta pregando aos índios. Está assinada por C. Brentan, que procurou reproduzir a escultura lateral direita do monumento a Anchieta realizado por Heitor Usai para a Praça da Sé, em São Paulo. Acima do altar, o vitral correspondente registra Anchieta escrevendo seu poema à Virgem nas areias da praia.



ALTAR DOS
TRÊS LÍRIOS DA COMPANHIA
Terceiro altar lateral do lado esquerdo



Devido às suas curtas vidas dedicadas aos estudos na Companhia de Jesus, Estanislau Kostka (1550-1568), Luiz Gonzaga (1568-1591) e João Berchmans (1599-1621) se tornaram conhecidos como os santos jesuítas protetores dos jovens estudantes. Este altar, portanto, tem uma estreita relação com o Colégio junto ao qual o templo foi construído.

Emoldurado por duas colunas e coroado por um frontão triangular à maneira clássica, o grande destaque do altar é o minucioso trabalho em mosaico atribuído a Cesare e Gastão Formenti e que reproduz uma gravura dos Três Lírios da Companhia. Estes estão representados diante do trono da Virgem, que tem ao colo o Menino Jesus os abençoando. Diante do trono, aos pés de Maria, um anjo segura um vaso com lírios, em alusão à pureza dos santos, que estão identificados por seus atributos: o crucifixo e o livro de regras na mão de São João Berchmans (à esquerda), o cajado de peregrino de Santo Estanislau Kostka (à direita), a coroa posta ao lado, em alusão à renúncia aos direitos de nobreza por São Luiz Gonzaga (ajoelhado no centro).

Acima do altar, o vitral correspondente registra São Luís Gonzaga recebendo sua primeira comunhão das mãos de São Carlos Borromeu. Em confirmação à devoção, Gonzaga também está representado em um dos vitrais mais antigos da igreja, localizado ao lado do coro.

ALTAR DE SÃO JOSÉ

Quarto altar lateral do lado esquerdo

Marido de Maria e pai terreno de Jesus, São José teve nos jesuítas os grandes divulgadores de sua devoção.⁴⁸ Além de santo protetor da paternidade, é o padroeiro dos carpinteiros e operários em geral.

A iconografia de São José presente na igreja de Santo Inácio é a que representa o santo como pai, tendo nos braços o Menino Jesus, abençoando o mundo, e numa das mãos o ramo florido de açucenas, que representa sua pureza e eleição para desposar a Virgem. A tradicional inscrição no friso do entablamento do altar, *Ite ad Joseph*, ou seja, “Ide a José”, incentiva a devoção a esse santo. A frase, tomada do Antigo Testamento (Gn 41, 55), se refere originalmente a José do Egito, precursor de São José e aquele a quem se deveria recorrer nos anos de carestia. A comparação foi feita pelo papa Leão XIII na encíclica *Quoniam Pluries*, de 15 de agosto de 1889, que declarava o santo como Patrono da Igreja Católica.

Sobre o altar, o vitral correspondente retrata a morte de São José assistido por Jesus e pela Virgem Maria, conforme um tipo de iconografia que associa o santo à ideia de protetor da boa morte.⁴⁹



ALTAR DE
NOSSA SENHORA DA PIEDADE
Primeiro altar lateral do lado direito



A imagem de Nossa Senhora da Piedade é também conhecida como *Pietà*. Nessa iconografia, a Virgem é dramaticamente representada tendo nos braços o corpo do filho deposto da cruz. Trata-se de uma devoção muito difundida desde o final da Idade Média, sobretudo em função da identificação popular com o sofrimento da mãe que chora pelo filho morto.⁵⁰

O vitral colocado acima deste altar representa a cena da lamentação sobre o corpo de Cristo recém-retirado da cruz. Nessa tradicional iconografia, costumam estar representados, junto ao corpo de Cristo, a Virgem Maria, José de Arimateia, São João Evangelista, Maria Madalena, Nicodemos e Maria, irmã de Lázaro.

O altar de Nossa Senhora da Piedade está localizado diante do altar do Bom Jesus Crucificado, formando um conjunto dedicado à Paixão de Cristo. Cabe destacar em ambos a unidade de estilo, com destaque para a representação da Santa Cruz em trabalho de mosaico atribuído a Cesare e Gastão Formenti.

ALTAR DE
SÃO FRANCISCO XAVIER
Segundo altar lateral do lado direito

São Francisco Xavier (1506-1552) ficou conhecido como o Apóstolo da Ásia (ou Apóstolo das Índias), devido à sua ação missionária nos domínios portugueses do Oriente. Beatificado em 1619, foi canonizado juntamente com Inácio de Loyola em 1622. Na igreja de Santo Inácio, São Francisco Xavier está representado em seu altar, através da imagem do peregrino, iconografia identificada pelo atributo do bordão que segura e pelo manto sobre a sotaina. Junto a ele, agachado, encontra-se um oriental convertido pelo santo.

O vitral correspondente representa a morte solitária de Xavier. Nele vemos o santo moribundo numa praia da Ilha de Sanchoão (China insular) erguendo o crucifixo com uma das mãos. Ao fundo, no horizonte, um barco representa o sonho não realizado de chegar à China continental em sua ação missionária.

Como missionário, São Francisco Xavier é também representado com sotaina, estola e sobrepeliz, ou seja, vestimentas apropriadas à atividade de batizar e pregar. Nesse caso, é comum também representar o santo erguendo o crucifixo. Na igreja de Santo Inácio, Xavier está assim representado num vitral ao lado do coro e na escultura colocada no canto direito do alto da fachada.



ALTAR DOS MÁRTIRES DO BRASIL

Terceiro altar lateral do lado direito



Este altar remete ao episódio apontado como “uma das páginas mais célebres do martirologio da Companhia.”⁵¹ No ano de 1570, o recém-eleito Provincial do Brasil, Inácio de Azevedo, antigo visitador que havia tratado da autorização para a construção do Colégio do Rio de Janeiro, retornava à colônia acompanhado de outros jesuítas. Na travessia, a embarcação foi interceptada por um grupo de huguenotes que martirizaram os religiosos, dos quais sucumbiram quarenta. Conta-se que o padre Inácio de Azevedo teria se agarrado à imagem da *Madonna di San Luca*⁵², de quem era devoto. Narra a lenda que o corpo de Inácio de Azevedo boiou durante algum tempo com o braço erguido e que, ao anoitecer, teria depositado a imagem nas mãos de um homem em outra nau. Este, por sua vez, fez com que a mesma chegasse aos jesuítas, que acabaram por trazê-la ao Brasil onde a colocaram, ainda com vestígios de sangue do padre Azevedo, na igreja do Colégio de Salvador. Nessa cidade, no ano de 1574, por ocasião da primeira celebração oficial em memória do evento, os mártires foram declarados Padroeiros do Brasil.

Na igreja de Santo Inácio, esse episódio foi representado num painel em mosaico, atribuído a Cesare e Gastão Formentì, que conjuga a cena do martírio dos religiosos no mar com seu recebimento no Céu por Cristo e uma legião de anjos. No centro, destaca-se o beato Inácio de Azevedo segurando a imagem da Virgem de São Lucas. Os anjos têm às mãos palmas, símbolo do martírio, e coroas de ramos destinadas aos mártires.

Acima do altar, o vitral correspondente representa o beato Inácio de Azevedo com seu principal atributo, o ícone da Virgem.

ALTAR DE
SANTA MARGARIDA MARIA
Quarto altar lateral do lado direito

Canonizada em 1920, Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690) foi a grande difusora da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, após a visão que teve de Cristo lhe mostrando seu coração ardente. Na igreja de Santo Inácio, a imagem de escultura colocada no altar da santa segue a iconografia tradicional, na qual a jovem Margarida Maria é representada em hábito negro no momento de sua visão do Sagrado Coração, por sua vez esculpida em estuque⁵³ no próprio retábulo.

Acima do altar, o vitral correspondente retrata um desdobramento da devoção. Aí a visão do Sagrado Coração de Maria foi acrescentada à do Sagrado Coração de Jesus. A cena se passa diante de um altar no qual a visão é revelada à santa e a São Claudio de la Colombière (1641-1682), confessor e diretor espiritual de Margarida Maria, conhecido como o Apóstolo do Sagrado Coração de Jesus.



ORATÓRIO DE
SANTA TEREZINHA DO MENINO JESUS
Oratório sobre a porta lateral esquerda



A imagem de Santa Terezinha, representada em hábito carmelita, sustentando, junto ao coração, uma cruz envolta em rosas, já ocupou o segundo altar da nave lateral esquerda (hoje dedicado ao beato José de Anchieta). Atualmente está colocada num oratório que emoldura a porta lateral do lado do Evangelho. Sobre este oratório, um vitral representa a santa em seu leito de morte assistida por outras religiosas e tendo uma visão do Cristo.

A história de Santa Terezinha do Menino Jesus (1873-1897) está ligada a Nossa Senhora das Vitórias, a quem a santa era devotada. Foi canonizada pelo papa Pio XI em 1925, época em que a igreja de Santo Inácio ainda estava em construção, fato que também pode justificar a inclusão de sua imagem neste templo.

ORATÓRIO DE
SANTO ANTÔNIO
Oratório sobre a porta lateral direita



Nascido em Lisboa, Santo Antônio (1195-1231) é uma das devoções mais populares do Brasil, a quem se recorre na busca de objetos e causas perdidas. A tradição popular, no entanto, também o consagrou como casamenteiro.

Na igreja de Santo Inácio, Santo Antônio está representado por uma imagem que segue a iconografia tradicional, na qual o santo é representado segurando o Menino Jesus sobre um livro, que pode ser interpretado como símbolo da grande erudição de Antônio. No vitral correspondente está registrada a visão que o santo teve do Menino Jesus, um tipo iconográfico largamente difundido a partir da Contrarreforma, no qual os santos anteriormente associados à ideia de milagre passaram a representar o êxtase próprio da experiência com o divino.

PÚLPITO

Até as mudanças promovidas pelo Concílio Vaticano II na década de 1960, o púlpito era um local de destaque no interior de uma igreja. Tradicionalmente construído no lado do Evangelho e voltado para a nave principal, era a tribuna de onde se realizava a leitura dos textos bíblicos, se recitava o Credo e era realizado o sermão.⁵⁴ O púlpito da igreja de Santo Inácio foi construído a partir da década de 1930, em conformidade ao estilo do templo. Na sua decoração, se destacam o símbolo IHS no guarda-voz e as esculturas em alto relevo no parapeito. Estas formam um conjunto iconográfico sobre a ação evangelizadora da Companhia de Jesus. A partir de um painel central, que representa a ordem de Cristo aos seus discípulos: *Docete omnes gentes*, ou seja, “Ide, fazei discípulos em todas as nações” (Mateus 28,19), os demais painéis representam jesuítas que se destacaram na obediência a esse comando: Santo Inácio de Loyola, o fundador da Companhia; São Roberto Belarmino e São Pedro Canísio, Doutores da Igreja; e José de Anchieta, o Apóstolo do Brasil.



Conclusão

Segundo o historiador Pierre Nora, “lugares de memória” são aqueles que conjugam sua existência num tríplice sentido: material, simbólico e funcional.⁵⁵ Tal é a igreja de Santo Inácio.

Mais de cem anos se passaram desde seu momento fundador, ou seja, do lançamento de sua pedra fundamental. Desde então, o templo materializou-se lentamente, pedra sobre pedra, até resultar no edifício que hoje se destaca na Rua São Clemente. Ao longo desses anos, a realização de seu programa decorativo, embora ainda incompleto, contribuiu para que o edifício se revestisse de um valor simbólico, carregado de mistérios

da fé, elevando-se da categoria de simples edifício à de templo. Contudo, é sua existência funcional que tem feito desse monumento uma igreja, um templo cristão. Desde sua inauguração, em dezembro de 1912, a igreja de Santo Inácio tem sido um importante espaço de celebrações, reunindo tanto a comunidade escolar do Colégio que a abriga, quanto a congregação de fiéis que ali encontram um porto seguro de sua fé e que, juntos, contribuem para que esse templo seja um autêntico “lugar de memória” na história do bairro de Botafogo e da cidade do Rio de Janeiro.

Interior da igreja na
época de seu centenário



Notas e Referências

- ¹ "Copia de una de un hermano del Brasil para los hermanos de Portugal, de San Vicente, a diez de marzo del año de 1553". In: LEITE, Serafim, SJ. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. tomo 1. Lisboa: Portugalia; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938. p. 363.
- ² LEITE, *op. cit.*, t. 1, p. 363.
- ³ "Carta ao Cardeal Infante D. Henrique de Portugal (1560)". Apud COELHO, Jacinto do Prado (Org.). *O Rio de Janeiro na literatura portuguesa*. Lisboa [s.n.], 1965. p. 14.
- ⁴ LEITE, *op. cit.*, t. 1, p. 391.
- ⁵ **Frontão** é o topo de uma fachada.
- ⁶ **Retábulo** é a construção artística acima do altar, onde se coloca a imagem da devoção à qual o altar é dedicado.
- ⁷ BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. v. 2. São Paulo: Record, 1983 p. 157.
- ⁸ BAZIN, *op. cit.*, v. 1, p. 282.
- ⁹ CARVALHO, Anna Maria F. Monteiro de. (Coord.) *A forma e a imagem: arte e arquitetura jesuítica no Rio de Janeiro colonial*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, s.d. p. 63.
- ¹⁰ LEITE, *op. cit.*, t. 6, p. 17.
- ¹¹ BAZIN, *op. cit.*, v. 1, p. 107-108.
- ¹² Numa igreja construída em forma de cruz, o **transepto** corresponde à seção formada pelos braços laterais dessa cruz.
- ¹³ BAZIN, *op. cit.*, v. 1, p. 108.
- ¹⁴ LEITE, *op. cit.*, tomo 6, p. 22.
- ¹⁵ **Cantaria** é a arte de lavar a pedra para uso estrutural e ornamental.
- ¹⁶ CARVALHO, *op. cit.*, p. 66.
- ¹⁷ CARDOSO, Armando (SJ). "A história de 75 anos do Colégio Santo Inácio". In: *Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro nos seus 75 anos*. Rio de Janeiro: Colégio Santo Inácio, 1979. p. 57 e 61.
- ¹⁸ "A Festa de Hontem". *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 mai. 1909.
- ¹⁹ CARDOSO, *op. cit.*, p. 64.
- ²⁰ "O Rio católico possui mais um templo". *A Noite*, Rio de Janeiro, 3 dez. 1912.
- ²¹ CARDOSO, *op. cit.*, p. 64.
- ²² CARDOSO, *op. cit.*, p. 62.
- ²³ CARDOSO, *op. cit.*, p. 67.
- ²⁴ Faziam parte da equipe: Amanda Oliveira de Bitencourt, Arminda Ramos da Costa, Cecília de Paula e Silva Miller e Maria José de Amarante.
- ²⁵ *Livro de doações para a conclusão das obras da igreja de Nossa Senhora das Vitórias*
- ²⁶ "A Igreja do Colégio Santo Inácio". In: *Anuário comemorativo ao 50º aniversário do Colégio Santo Inácio* (1953)
- ²⁷ "Está quase concluído mais um templo". *A Noite*, Rio de Janeiro, 4 dez. 1912.
- ²⁸ Apud BASTOS, Therezinha B. *A Igreja do Colégio Santo Inácio no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2001. Monografia (Especialização em Teoria da Arte) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. p. 25.
- ²⁹ CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). *Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2000. p. 112.
- ³⁰ BASTOS, *op. cit.*, p. 24.
- ³¹ BASTOS, *op. cit.*, p. 13.
- ³² **Nave** é a parte central de um templo, onde se concentram os fiéis durante a missa.
- ³³ PEVSNER, Nikolaus. *Panorama da arquitetura ocidental*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 177.
- ³⁴ BASTOS, *op. cit.*, p. 14.
- ³⁵ ARGAN, Giulio Carlo. "A Europa das capitais". In: *Imagem e persuasão: ensaios sobre o barroco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 122.
- ³⁶ **Entablamento** é a seção horizontal que separa as colunas do frontão acima delas.
- ³⁷ LEITE, *op. cit.*, tomo 6, p. 23.
- ³⁸ A estátua da igreja de Jesus, em Roma, foi criada por Pierre Le Gros II em 1697/98, em tamanho maior que o natural e confeccionada em prata. A imagem original feita por Le Gros não existe mais. Ela foi derretida no pontificado do papa Pio VI (1775-1799) para pagar reparações de guerra a Napoleão Bonaparte (Tratado de Tolentino). A atual estátua de Santo Inácio da igreja de Jesus em Roma é uma cópia realizada por Antonio Canova em 1804.
- ³⁹ O'MALLEY, John W. *Os primeiros jesuítas*. São Leopoldo: Editora Unisinos; Bauru: Edusc, 2004. p. 46.
- ⁴⁰ "As práticas religiosas e os militares". *A União*, Rio de Janeiro, 23 fev. 1922; CARDOSO, *op. cit.*, p. 66.
- ⁴¹ No século XVI, este antigo símbolo passou a também a significar *Jesum habemus socium*, ou seja, "Temos Jesus como companheiro". RÉAU, Louis. *Iconografia del arte cristiano*. 3. ed. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2008. t. 1, v. 2, p. 34.
- ⁴² DUMAS, Bertrand. *Trésors des églises parisiennes*. Paris: Parigramme, 2012. p. 186.
- ⁴³ SAVIGNAC, Monique de. *Peintures d'églises à Paris au XVIII^e siècle*. Paris: Somogy, 2002. p. 38.
- ⁴⁴ RÉAU, *op. cit.*, t. 1, v. 2, p. 54.
- ⁴⁵ HEROLD, Maikel. *A devoção ao Sagrado Coração de Jesus*. Aspectos antropológicos, históricos, devocionais e teológicos. Porto Alegre, 2006. Monografia (Bacharelado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. p. 37.
- ⁴⁶ DUBY, Georges. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade (980-1420)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993. p. 93-94.
- ⁴⁷ RÉAU, *op. cit.*, t. 1, v. 2, p. 497.
- ⁴⁸ DUCHET-SUCHAUX, Gaston; PASTOUREAU, Michel. *La Bible et les saints*. Paris: Flammarion, 2011. p. 205.
- ⁴⁹ RÉAU, *op. cit.*, t. 2, v. 4, p. 167; TAVARES, Jorge Campos. *Dicionário de santos*. Porto: Lello & Irmão, 1990. p. 87.
- ⁵⁰ ZANON, Darlei. *Nossa Senhora de todos os nomes*. Orações e história de 260 títulos marianos. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 211.
- ⁵¹ LEITE, *op. cit.*, t. 2, p. 243.
- ⁵² A imagem da *Madonna di San Luca* é a reprodução do suposto retrato pintado por São Lucas de Nossa Senhora com o Menino Jesus ao colo.
- ⁵³ **Estuque** é a arte de esculpir ornatos utilizando uma argamassa de cal, areia, pó de mármore e gesso.
- ⁵⁴ GIORGI, Rosa. *Symboles et cultes de l'Eglise*. Paris: Hazan, 2005. p. 18.
- ⁵⁵ NORA, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares". *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

Fontes

Acervo fotográfico do Colégio Santo Inácio

Álbum comemorativo do Jubileu de Ouro do Colégio Santo Inácio (1903-1953)

Anuários do Colégio Santo Inácio (1911-1967)

Livro de Atas do Apostolado da Oração da Igreja de Santo Inácio (1932-1941)

Livro de doações para a conclusão das obras da igreja de Nossa Senhora das Vitórias

PESQUISA E TEXTO
Cesar Augusto Tovar Silva

AUXILIAR DE PESQUISA
Leonardo de Almeida Soares Coelho

CONSULTORIA
Anna Maria Fausto Monteiro de Carvalho
Pe. Luiz Antônio de Araújo Monnerat, SJ

REVISÃO DE TEXTO
Graça Ramos

FOTOS
Alex Salim

IMPRESSÃO
Ultraset

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO
E TRATAMENTO DE IMAGENS
PVDI  design



Cristo no Horto das Oliveiras
Vitrail

709
S586

Silva, Cesar Augusto Tovar
A igreja de Santo Inácio: cem anos de história, 1912-2012/ Cesar
Augusto Tovar Silva ; Fotógrafo Alex Salim. -- Rio de Janeiro:
Colégio Santo Inácio, 2013
36 p. ; fotogr.

1. História da Arte 2. Igreja de Santo Inácio – Rio de Janeiro
3. Rio de Janeiro – Igrejas 4. Jesuítas 5. Arte Sacra I. Salim, Alex
II. Título